ações governamentais, apenas os produtos regionais terão elevação. As lideranças rurais alertam que é preciso avaliar o impacto do aumento dos preços mínimos, pois existem dívidas atreladas da ordem de R$ 3,7 bilhões, assim como dar ênfase na adequação dos custos de produção inflados numa média de 20%.

Na verdade, os preços mínimos servem de parâmetro para a negociação dos produtores e para as ações governamentais. Um aumento nos preços afetará a formação de estoques estratégicos. Caso o governo precise intervir, terá um gasto mais alto.

Restritos basicamente a milho e trigo, com cerca de 2,4 milhões de toneladas, a própria formação de estoques estratégicos é motivo de polêmica. A lei que regulamenta a matéria prevê um armazenamento de até dois meses de consumo como estoques oficiais nos produtos tradicionalmente importados pelo País. Mesmo com os cortes orçamentários, os estoques têm se mantido.

O orçamento deste exercício prevê apenas R$ 527 milhões a serem gastos a mais do valor dos estoques para as ações de política agrícola. O valor representa um quinto em relação aos R$ 2,5 bilhões solicitados pelo setor. Há uma proposta no MAPA para os valores destinados ao apoio à safra serem liberados como ano-safra e não ano-fiscal. A justificativa é de que quando o governo precisa dos recursos, por questões de mercado, não pode vender os estoques e, quando se desfaz dos produtos, não pode usar a verba para a próxima safra. ■

Um cenário pior para a soja

Os novos dados da Abiove sobre o setor de soja mostram cenário um pouco pior do que o anterior. As receitas externas brasileiras podem ficar em apenas US$ 8,2 bilhões neste ano, contra US$ 10 bilhões no ano passado. Esse ajuste nas receitas ocorreu porque o País vai produzir apenas 51,7 milhões de toneladas neste ano. Em 2004, a produção foi de 50,1 milhões de toneladas. Com o recuo da produção, o volume a ser exportado será de 20 milhões de toneladas, acima dos 19,2 milhões do ano passado, mas abaixo do previsto anteriormente. O processamento interno se mantém em 29,2 milhões de toneladas, o mesmo de 2004.

Pressão nos custos gera audiência pública

Assunto é debatido na Comissão de Agricultura da Câmara dos Deputados

A Comissão de Agricultura da Câmara dos Deputados, através de seu Presidente Ronaldo Caiado, em atenção a requerimento solicitado pelo deputado Silas Brasileiro, convocou as principais entidades dos setores de insumos e máquinas a uma audiência pública, para tratar do impacto dos preços dos insumos e máquinas nos custos de produção na agropecuária e do chamado custo Brasil, no que se refere às deficiências de infraestrutura e transporte.

Foi uma oportunidade rara para os setores apresentarem seus números e argumentos aos parlamentares. Encontro dessa natureza deve ser cada vez mais freqüente. É um momento de esclarecimento. Apesar de uma série de entraves burocráticos, de fatores externos e da carga tributária interferirem na formação dos preços, há um desconhecimento imenso sobre esses impactos. Numa situação delicada e de apreensão com a queda da renda no segmento de grãos, a busca de um vilão para a situação é uma saída corriqueira e cercada de equívocos.

Nas reuniões de outubro e novembro do ano passado na Câmara Setorial de Insumos Agropecuários, do Conselho Nacional do Agronegócio, do MAPA, técnicos da CONAB apresentaram a evolução dos preços dos insumos e dos custos de produção. Havia uma preocupação com a perda na re-

Entidades convocadas para audiência (*)

- Associação Brasileira de Agribusiness
- Associação Brasileira de Calcário
- Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Implementos
- Associação Brasileira dos Defensivos Genéricos
- Associação Nacional de Difusão de Adubo
- Associação Nacional de Defesa Vegetal
- Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores
- Confederação Nacional da Agricultura
- Organização das Cooperativas Brasileiras

(*) em ordem alfabética

Custo de Produção

Produto /local	Produtividade Kg/hectare	Custo variável Set/2003 R$/ha	Set/2004 R$/ha	Variação do custo %	Variação dos fertilizantes	Variação nos defensivos
Algodão						
Rondonópolis	2.5550	2.123,38	2.423,48	14,1	29,1	13,6
Arroz irrigado						
Cachoeira do Sul	6.000	2.433,68	2.729,30	12,1	20,5	0,9
Itaqui	6.500	2.223,38	2.296,34	3,3		
Arroz sequeiro						
Sorriso	4.000	1.320,59	1.500,90	13,7	24,7	7,9
Milho						
Rio Verde						
Campo Mourão	6.000	1.253,25	1.453,25	16,0	24,1	16,3
Soja						
Primavera do Leste	3.000	942,10	1.056,82	12,2	25,3	14,4
Campo Mourão	2.700	746,58	860,26	15,2		
Trigo – R$/t						
Campo Mourão	2.250	830,68	843,74	1,6	19,1	7,4
Passo Fundo	2.200	930,66	984,53	5,8		

Fonte: CONAB/MAPA



lação de troca da agricultura, de um lado, pelo aumento dos custos de produção e de outro, com o arrefecimento das cotações nas *commodities*.

Na prática, à medida que o clima de euforia da agricultura se dissipava ao longo do segundo semestre de 2004, o aumento da área plantada na safra 2004/05 ficava em um terço daquela prevista em princípio e as vendas de insumos e máquinas desacelerava.

As discussões em torno das informações prestadas pelas entidades, como era de se esperar, não foram esgotadas. Muitos esclarecimentos complementares serão requeridos. Fica clara a necessidade de aprofundar os temas relacionados aos aspectos do impacto da tributação nos preços de insumos e máquinas, bem como o equilíbrio entre a necessidade de produzir e o cumprimento das exigências ambientais e de saúde. A influência de preços como os do aço e do ferro requer mais atenção. Um agribusiness forte e competitivo pressupõe um setor de suprimentos moderno e pronto a acompanhar a tecnologia de ponta.

Por tudo isso, a formulação do Plano da Safra 2005/06 incitará argumentações ruidosas. A questão é minimizar a volatilidade cíclica do setor, em especial nas conjunturas menos favoráveis, como agora. A fronteira da análise vai além de recursos para crédito e investimento e preços mínimos, dois pilares básicos da política agrícola convencional. Os novos instrumentos para financiar o agronegócio, que o governo acaba de lançar, junto com a administração do custo Brasil, as deficiências em logística e infraestrutura de armazenagem, transporte e portos, mais os subsídios da Farm Bill, fazem parte da nova agenda de trabalho. ■

Preços pagos pelos produtores: variações médias em %

	Jul/2004 a jul/2003	Jul/2004 a dez/2003
Tratores e colheitadeiras		
Micro trator	13,4	9,4
Pequeno trator	13,5	10,5
Médio trator	9,1	8,4
Grande trator	10,3	8,4
Colheitadeiras automotrizes	20,8	13,5
Máquinas e motores		
Máquinas	10,1	9,3
Motores	11,4	13,2
Implementos agrícolas		
Arados, sulcadores cultivadores	12,4	12,8
Grade aradora e niveladora	13,9	12,9
Plantadeiras e semeadeiras	13,8	9,4
Pulverizadores	12,0	6,8
Carretas	9,4	7,6

Fonte: SEAG/DERAL

Brasil: cereais e oleaginosas



Fonte Conab

Custo de importação

Item	Uréia		MAP - Marrocos		Cloreto de potássio	
	R$	Part. %	R$	Part. %	R$	Part. %
FOB à vista	223.00	73,33	220,00	73,09	170,00	72,61
Frete marítimo	45,00	14,80	45,00	14,95	40,00	17,08
AFRMM – 25% frete	11,25	3,70	11,25	3,74	11,13	4,75
Despesa portos	11,13	3,65	11,13	3,70	10,00	4,27
Imposto de importação – 4%	10,72	3,53	10,60	3,52	0	0
Demurrage	3.00	0,99	3,00	1,00	3	1,29
Total	**304,10**	**100,00**	**300,98**	**100,00**	**234,13**	**100,00**

FERTILIZANTES

• A oferta mundial se estreitando em relação à demanda. Preços baixos, até alguns anos, afastaram investimentos nas áreas de fósforo e potássio. Subsídios e novas técnicas, junto com o aumento da demanda pelos países em desenvolvimento: China, Índia, Brasil, Paquistão e outros, incrementam o consumo e elevam os preços internacionais.

• Apesar de ser o 4º consumidor mundial de fertilizantes (6,5% do consumo), o Brasil importa 60% do seu consumo, sem a menor condição de influir na formação de preços dos nitrogenados. Os preços da uréia e do sulfato de amônio são decorrentes do Petróleo, do Gás, da Nafta, da Amônia, todos em ascensão.

• Nos fosfatados, o Brasil depende de 45% das importações, houve redução no número de fornecedores. Os grandes exportadores são: EUA (1 empresa), Marrocos (1 empresa), Rússia (1 *holding*).

• Para os potássicos, em que o Brasil importa 90% de seu consumo, também houve redução do número de fornecedores. Os grandes exportadores são Canadá, (1 empresa), Alemanha (1 empresa), Rússia (2 empresas).

• Os produtores de fósforo e potássio reajustam os seus preços na mesma proporção da desvalorização do dólar, pois seus custos internos são efetuados em moedas locais: Euro – US Canadense – Rublo.

• O esforço do setor é continuar a atender a Agricultura, através da grande rede de empresas (125) de vários portes e cooperativas produtoras de fertilizantes, em todas as regiões, com preços competitivos, melhores técnicas e condições logísticas favoráveis.

• Interagir nos limites do setor e de cada segmento para gerar soluções econômicas e técnicas viáveis, com todos os demais setores do País, sejam privados e/ou governamentais, para reduzir o custo Brasil e eliminar os gargalos de infra-estruturas – portuários, rodoviários, ferroviários, armazenamento etc.

• Analisar de forma integrada e compatível problemas ligados à carga tributária: AFRMM – Adicional de frete da marinha mercante, ICMS Interestadual. Alíquota de importação e PIS/COFINS – embora isento como matéria-prima, transforma-se em custo final nos casos dos fretes e energia elétrica etc.).

Defensivos vegetais

• De 120 produtos analisados, cerca de 109 tiveram evolução abaixo do IGP_DI

• No caso da ferrugem da soja, existem cerca de 21 produtos resgistrados

• Necessidades: programas de financiamento – moder-insumos; regulamentadores mais ágeis; incentivos a investimentos locais; conter impunidades, roubo de cargas, contrabando, falsificação de produtos.

• Respeitar regulamentação de registros e evitar registros de produtos questionáveis.

• Proteção da produção de agroquímicos no Brasil: propriedade intelectual, abastecimento, exportação *versus* importação, custo de inventário, preço de transferência e política tributária.

• Pesquisa mostra que 60% do mercado esta sem ou com baixa concorrência . Cerca de 40% a 50% desse passará para a média/alta concorrência nos próximos 5 anos.

• As exigências de certificação e rastreabilidade do produto nas exportações passam pela qualidade do insumo. Produtos clandestinos, sem pagar tributos e de qualidade comprometida, podem prejudicar o agronegócio.

• Há um alto custo e longa demora no processo de registro, em função das exigências sanitárias e ambientais.

Tratores e colheitadeiras

• Desenvolvimento de máquinas para novas tecnologias agrícolas: plantio direto, agricultura de precisão, capacidade e eficiência operacional e implementos inteligentes.

• Investimentos US$ 310 milhões nos últimos 3 anos, com lançamentos de produtos.

• Impacto na produtividade: ergonomia e segurança, racionalização no uso de insumos (sementes e fertilizantes), impacto ambiental, redução de perdas na colheita para menos de 1%, aumento da produtividade de 65% na produção de grãos *versus* 25% na área plantada.

• Tremendo impacto dos reajuste de ferro e aço, cerca de um terço acima dos preços das máquinas.

Termometria do mercado

Exportação compensa o setor de máquinas agrícolas

A queda da rentabilidade do produtor se traduz na redução de encomendas de tratores e colheitadeiras, enquanto a valorização do real em relação ao dólar pode dificultar as suas exportações. A Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea) baixa pela terceira vez as suas projeções comerciais. No começo, esperava um cenário de estabilidade, depois uma queda de 10%, e agora, de 20%.

O prejuízo do setor de máquinas agrícolas, identificado apenas pela retração nas unidades vendidas no mercado interno, já pode ser percebido também no faturamento do setor. De 2002 a 2003, o montante cresceu 25,75%, de US$ 1,89 bilhão a US$ 2,38 bilhões. Em 2004, ficou próximo a US$ 3,00 bilhões. Para 2005, a expectativa das indústrias montadoras é de uma queda de 12% no faturamento: a primeira desde que o Programa de Modernização da Frota de Tratores Agrícolas e Implementos Associados e Colheitadeiras (Moderfrota) foi implementado.

O faturamento menor é atribuído ao recuo na comercialização de colheitadeiras que, apesar de terem representado 15% do número de unidades vendidas, têm um alto valor financeiro. No primeiro trimestre de 2005, as vendas ficaram 65,7% menores em relação ao mesmo período de 2004. É uma época de maior demanda de colheitadeiras no Brasil devido ao início da colheita da safra de verão. Ao longo do ano, não haverá uma brusca reversão.

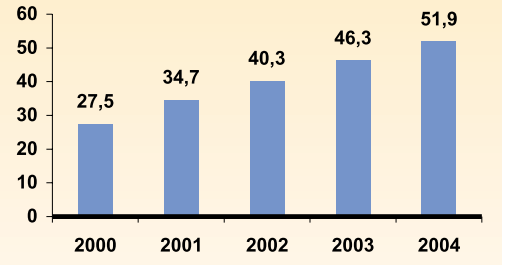
O resultado das exportações, mais uma vez, a exemplo do ano passado, deverá ter uma participação relevante no faturamento deste ano. O mercado interno sempre foi o maior filão das compras. Mesmo em 2004, as vendas realizadas dentro do País representaram 55%, e as externas, 45%. O mix se inverteu no primeiro trimestre deste ano: 60% para exportação, enquanto o mercado e interno absorve apenas 40%.

Crescem desembolsos do MODERFROTA

O Moderfrota, linha de financiamento do BNDES para a compra de máquinas agrícolas com juros equalizados pelo Tesouro, fechou 2004 com desembolsos totais de R$ 2,36 bilhões, 31,7% a mais que em 2003 (R$ 1,792 bilhão). O problema foi o descompasso entre o primeiro e o segundo semestre do ano por conta de demora na liberação de verba para equalização pelo Tesouro.

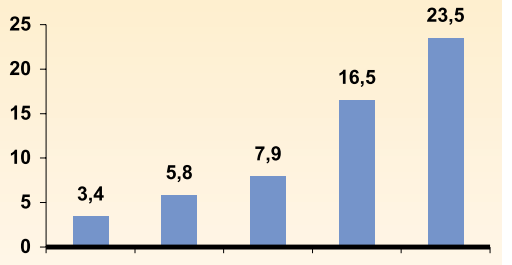
De janeiro a junho do ano passado, foram liberados R$ 455,7 milhões do Moderfrota, de um orçamento de R$ 2,27 bilhões. Solucionada a equalização, as liberações nos

BR: produção de tratores (mil unidades)



Fonte: ANFAVEA

BR: exportação de tratores (mil unidades)



Fonte: ANFAVEA